

As trajetórias de poetas nos saraus das periferias de São Paulo*

Lívia Lima da Silva**

Resumo:

Este artigo apresenta resultado para titulação de mestrado no Programa de Estudos Culturais da Escola de Ciência Estudos e Humanidades da Universidade de São Paulo, que teve por objetivo investigar os processos que estão na origem do envolvimento de sujeitos em saraus de literatura nas periferias da cidade de São Paulo. A pesquisa se concentrou nos estudos sob a perspectiva de Pierre Bourdieu. O estudo de campo foi realizado em quatro saraus da cidade. Foram realizadas análises sociodemográficas dos bairros. Por meio de questionários foi realizado um perfil do público destes eventos. E foram realizadas entrevistas com poetas/escritores, dando importância, sobretudo, às suas trajetórias. Concluiu-se que o acesso à escolarização, com destaque para o ensino superior, influencia em disposições para atuação no campo literário. Os poetas e escritores que participam dos saraus desenvolvem práticas literárias profissionalmente, e muitos deles dependem dessas ações como uma de suas fontes de renda.

Palavras-chave: Literatura. Periferia. Sarau. Capital Cultural.

The trajectories of poets in the soirees on the outskirts of São Paulo

Abstract:

This article results for the master's degree in the Cultural Studies Program of the School of Science, Studies and Humanities of the University of São Paulo, which aimed to investigate the processes that are at the origin of the involvement of subjects in literature soirees on the outskirts of the city from Sao Paulo. The research focused on studies from the perspective of Pierre Bourdieu. The field study was carried out at four soirees in the city. Sociodemographic analyzes of the neighborhoods were carried out. Through questionnaires, a profile of the audience of these events was carried out. And interviews were conducted with poets/writers, giving importance, above all, to their trajectories. It was concluded that access to schooling, with emphasis on higher education, influences dispositions to work in the literary field. The poets and writers who participate in the soirees develop literary practices professionally, and many of them depend on these actions as one of their sources of income.

Keywords: Literature. Periphery. Sarau. Cultural Capital.

O movimento literário periférico

A literatura no Brasil, historicamente, sempre foi uma manifestação cultural das elites. Desde a história de formação do país, o modelo literário reconhecido e realizado foi baseado no modo de vida europeu, trazido no processo de colonização do território e desenvolvido entre algumas frações das chamadas classes superiores.

Por conta desse contexto, a literatura brasileira nunca foi uma tradição cultural de grande abrangência e disseminação e, ainda hoje, a leitura não figura entre os principais hábitos culturais. Como consequência, o campo de produtores, considerando escritores, editores, empresários do segmento, também compõem um número de membros reduzido.

Ao longo do referido processo histórico, diversas manifestações culturais foram invisibilizadas, e o que predomina no registro são as dos integrantes de grupos de elites -econômicas e culturais- que consumiam, produziam e tinham suas obras reconhecidas e valorizadas no campo literário em formação, de modo que, em toda essa fase de constituição da produção literária brasileira, muitos grupos sociais não foram incluídos:

Uma das apostas centrais das rivalidades literárias (etc.) é o monopólio da legitimidade literária, ou seja, entre outras coisas, o monopólio de poder de dizer com autoridade quem está autorizado a dizer-se escritor (etc.) ou mesmo a dizer quem é escritor e quem tem autoridade para dizer quem é escritor; ou, se preferir, o monopólio do poder de consagração de produtores ou dos produtos (Bourdieu, 2002, p.253).

Na mesma direção, sociólogo brasileiro Sérgio Miceli, após observar em *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)* (2001) que os escritores do período eram ligados às classes de famílias dirigentes do país, destaca que, em um período de consolidação do mercado editorial brasileiro, muitos destes escritores alcançaram o êxito de sobreviver financeiramente de suas obras literárias e ser escritor passou a ser uma possibilidade maior de

* Recebido em 15 de maio de 2021. Aprovado em 20 de maio de 2021.

** Mestre em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). End. eletrônico: livialimasilva@gmail.com.

sobrevivência econômica, o que fortificou a identidade como categoria profissional dos que exerceram tal atividade. Miceli também observou que, mesmo com algumas exceções como, por exemplo, Lima Barreto e Mário de Andrade, grande parte dos escritores deste período provinha das classes dominantes e possuía formação superior.

Portanto, não chegou a ser uma descoberta que, ao longo do processo histórico de constituição do campo literário no Brasil, a produção literária não privilegiou os moradores das periferias das grandes cidades do Brasil, associados, objetiva e subjetivamente, à condição de trabalhadores manuais, vivendo em situação de pobreza e marginalidade, com baixa escolaridade e elevada “ignorância” em relação à língua portuguesa.

Talvez a mais destacada exceção tenha sido a da escritora Carolina Maria de Jesus. Na década de 1950, era quase impensável que uma mulher negra moradora da favela se apresentasse como escritora. Por isso, seus textos foram recebidos com desconfiança pela crítica, revelando-se esse preconceito que ainda persiste no campo cultural brasileiro (Miranda, 2011).

Em pesquisa organizada por Regina Dalcastagnè na Universidade de Brasília, revelou-se que, dentre os autores brasileiros que tiveram livros publicados entre 1990 e 2004, cerca de 73% eram homens, 94% eram brancos, e a maioria viviam em São Paulo e no Rio de Janeiro, polos do mercado editorial do país e eixo privilegiado do circuito cultural.

Os negros, tal como essa pesquisa evidencia, historicamente negados de sua própria condição humana, enquanto escravos, e depois da abolição, marginalizados e excluídos das posições e campos de poder, incluindo o cultural, pouco participaram do que ao longo do tempo fizeram parte do que se convencionou classificar como literatura brasileira.

A antropóloga Érica Nascimento analisou o surgimento da Literatura Periférica em São Paulo, considerando como marco do início do movimento a primeira edição de uma série especial da revista *Caros Amigos*¹, em 2001, que trouxe o título “Literatura Marginal”, e foi organizada pelo escritor Ferréz, morador do Capão Redondo, bairro da periferia da zona sul de São Paulo.

No editorial do primeiro número da série, considerado o manifesto do movimento, Ferréz afirma que no Brasil a história dos pobres, negros, índios, foi sendo, propositalmente, desprivilegiada e esquecida, e acredita que a publicação da revista contribuiria para uma mudança dessa situação:

Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de “excluídos sociais” e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura (Ferréz, 2001).

A literatura marginal dos escritores da periferia se autoafirma considerando como marginais aqueles que historicamente foram excluídos socioeconomicamente, que vivem às margens e que, por estigma e preconceito, são considerados marginais, perigosos para a sociedade. Também por estarem fora do circuito literário tradicional e pela temática de suas obras voltarem-se para relatar situações e condições dos moradores da periferia do Brasil, com sua linguagem característica e seu dialeto próprio.

Diante desse quadro, é possível considerar que, por mais que na história literária brasileira existissem autores advindos das camadas populares e mais pobres da sociedade, o movimento literário marginal/periférico se destacou por ser o primeiro a assumir coletivamente esta origem como justificativa para suas produções específicas e diferenciadas em um dado período histórico.

É importante considerar o contexto sócio-histórico que permitiu aos moradores das regiões periféricas essa identificação com o espaço social em que viviam. Sobre este fenômeno, o sociólogo Tiaraju Pablo D’Andrea defende a hipótese de que a partir da década de 1990 havia condições para emergir uma geração que potencializou o termo, outrora negativo, para uma posição de luta e defesa do local em que vivem. D’Andrea conceituou esse grupo como *sujeitos periféricos*: pessoas que assumem as condições sociais específicas em que vivem, compreendem as origens e problemas que caracterizam este espaço, e passam a intervir assertivamente na tentativa de modificar tais condições, sobretudo por meio da arte (D’Andrea, 2013).

Dentre esses coletivos culturais, destacam-se grupos que organizam os saraus, que passaram a acontecer regularmente em bairros da periferia de São Paulo a partir dos anos 2000. Os saraus são encontros regulares

¹Caros Amigos foi uma revista mensal da editora paulistana Caros Amigos e começou a ser publicada em 1997. Sua linha editorial se alinhava às orientações ideológicas de esquerda e seus conteúdos eram políticos, econômicos e culturais.

realizados em espaços variados de convívio nos bairros periféricos, nos quais acontecem declamações de poesia, apresentações de músicas, dança, cenas teatrais, dentre outras atividades. A literatura é a manifestação artística privilegiada destes eventos e recebe um tratamento especial durante a realização dos saraus. Trata-se de um momento de encontro entre escritores, lançamento e venda de livros e divulgação dos trabalhos pessoais dos membros desse campo literário específico.

Um dos primeiros saraus de maior relevância nesse cenário é o *Sarau da Cooperifa* (Cooperativa Cultural da Periferia), que, desde 2011, acontece semanalmente no Jardim Guarujá, no município Taboão da Serra, divisa com o extremo sul da capital paulistana. Atualmente, no Bar do Batidão, liderado pelo poeta Sérgio Vaz, um dos autores que participou das edições da publicação *Literatura Marginal* da revista *Caros Amigos*.

Nascimento considera que os saraus, sobretudo o da Cooperifa, instituíram um novo modelo de produção e divulgação cultural que se disseminou nos bairros de periferia e o termo periférico passou a ser utilizado para classificar e potencializar estas novas práticas:

(...) a articulação em torno de elaborações sobre a periferia e sua cultura singular é capaz de revelar um processo específico de produção cultural. Isso porque não somente os produtos e circuitos de consumo periféricos apresentam-se como soluções criativas ao mercado cultural, mas também porque a associação do trabalho desenvolvido ao espaço social da periferia permitiu que fosse elaborada uma agenda comum a diferentes grupos, movimentos, coletivos, associações e artistas da periferia (Nascimento: 2011, p. 15).

O Sarau da Cooperifa, dentre outros percussores, serviu de exemplo e inspiração para que muitos outros saraus passassem a acontecer nos bairros periféricos de São Paulo. Os moradores de outras regiões, que frequentavam os eventos que tiveram início na zona sul da cidade, passaram a organizar saraus em seus próprios bairros, disseminando o mesmo modelo.

Os eventos se tornaram ainda um meio pelo qual os escritores passam a se integrar e a perpetuar a produção literária enquanto um movimento, e não apenas por iniciativas isoladas, propiciando que os autores possam lançar seus livros, apresentar suas poesias e divulgar suas agendas de trabalho. Nos saraus se consolida o que podemos nomear como “campo literário periférico”, na medida em que se mantém “relativamente autônomo”, com ações e práticas voltadas a si mesmo.

Esta rede de edições “independentes” ou “alternativas” (às grandes editoras) seria impossível e incompreensível sem um circuito autônomo de distribuição e comercialização das obras. E os encontros presenciais nos saraus poéticos das periferias parecem cobrir esta necessidade, chegando a constituir uma espécie de “sistema literário” (no sentido de Antônio Cândido) paralelo, funcionando de forma independente nas periferias de São Paulo (Salom, 2014, p. 82).

Os saraus nas periferias de São Paulo

Para comprovar que os saraus compõem um fenômeno particular dos bairros periféricos de São Paulo, um levantamento informal realizado durante a pesquisa em 2015 alcançou o número de 25 saraus regulares, servindo como amostra desse movimento literário:

Tabela 01: Saraus regulares de São Paulo (2015)

SARAUS	Subprefeitura	Bairro
Praçarau	Campo Limpo	Capão Redondo
Sarau A plenos pulmões	Sé	Jardim Paulista
Sarau Antene-se	Campo Limpo	Capão Redondo
Sarau Bodega do Brasil	Sé	Santa Cecília
Sarau da Ademar	Cidade Ademar	Cidade Ademar
Sarau da Biblioteca Ejaac	Campo Limpo	Valo Velho
Sarau da Brasa	Freguesia/ Brasilândia	Brasilândia
Sarau da Cooperifa	Campo Limpo	Campo Limpo/ Taboão da Serra
Sarau do Beco	Jabaquara	Vila do Encontro - Jabaquara

Sarau do Binho	Campo Limpo	Campo Limpo/ Taboão da Serra
Sarau do Grajaú	Capela do Socorro	Grajaú
Sarau do Kintal	Freguesia/ Brasilândia	Brasilândia
Sarau do Peixe	Itaim Paulista	Jardim Romano
Sarau do Vinil	Cidade Ademar	Vila Joaniza - Cidade Ademar
Sarau dos Mesquiteiros	Ermelino Matarazzo	Ermelino Matarazzo
Sarau d'Quilo	Perus	Perus
Sarau Elo da Corrente	Pirituba/ Jaraguá	Pirituba
Sarau Encontro de utopias	Sé	Santa Cecília
Sarau Movimento Aliança da Praça – MAP	São Miguel Paulista	São Miguel Paulista
Sarau O que dizem os umbigos	Itaim Paulista	Itaim Paulista
Sarau Perifatividade	Ipiranga	Heliópolis
Sarau Preto no Branco	M'Boi Mirim	Jardim São Luís

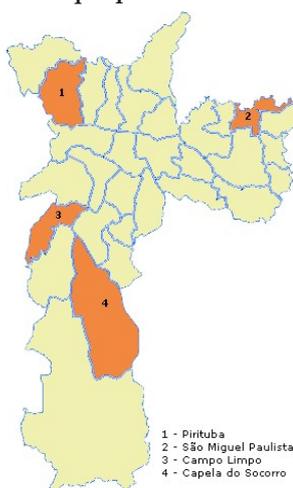
A partir do quadro geral, foram selecionados alguns que serviram como objeto de estudo no trabalho de campo. São eles:

- Sarau do Binho – Campo Limpo;
- Sarau Elo da Corrente – Pirituba;
- Sarau do MAP (Movimento Aliança pela Praça) – São Miguel Paulista;
- Sarau Sobrenome Liberdade – Grajaú.

A partir da seleção dos saraus, fez-se necessário um levantamento de informações sobre os territórios onde eles acontecem. O município São Paulo é dividido administrativamente em 32 subprefeituras, sendo as que compõem o grupo do objeto de estudo da pesquisa, respectivamente, são: Subprefeitura do Campo Limpo (Sarau do Binho); Subprefeitura de Pirituba (Sarau Elo da Corrente); Subprefeitura de São Miguel Paulista (Sarau do MAP - Movimento Aliança pela Praça); Subprefeitura de Capela do Socorro (Sarau Sobrenome Liberdade).

As subprefeituras podem ser identificadas no mapa da cidade de São Paulo na figura a seguir:

Figura 1 - Mapa da Cidade de São Paulo, com destaque para os distritos onde se realizou o trabalho de campo



A pesquisa se concentrou em realizar um levantamento dos dados públicos com informações demográficas, econômicas e sociais destes territórios, relacionando-as também com a disponibilização e acesso a bens culturais.

Para isso, recorreremos ao uso de uma planilha de dados sistematizada pelo grupo de pesquisa da orientadora do projeto, Dra. Graziela Serroni Perosa, formado por estudantes de graduação e pós-graduação da EACH-USP.

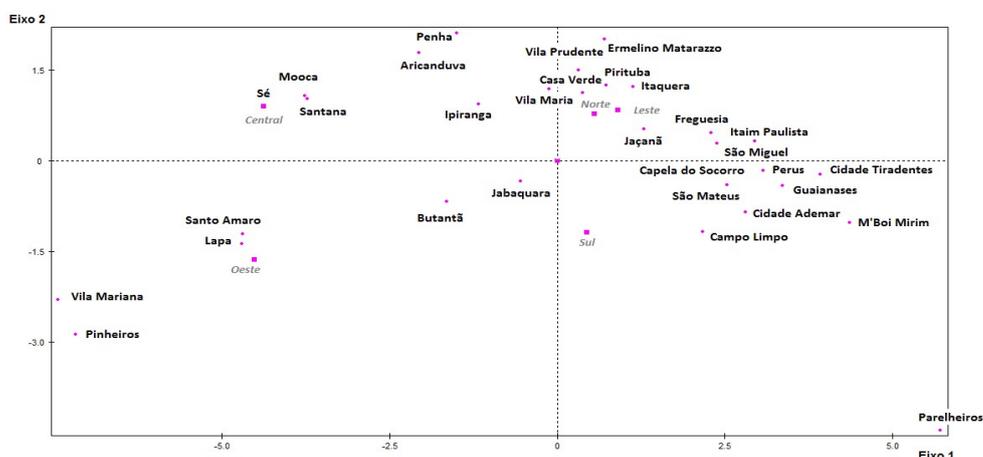
A planilha é formada por dados públicos, disponibilizados pela Prefeitura por meio do portal da internet Infocidade, além do cruzamento com dados do IBGE, em um universo considerando a população de 2010, além de alguns dados de 2014.

Por meio da Análise Geométrica de Dados (AGD) e da Análise de Componentes Principais (ACP), com o auxílio de um sistema de informática que cria uma representação multidimensional da cidade, foi possível analisar, a partir de 18 variáveis, as subprefeituras às quais os saraus fazem parte.

As variáveis selecionadas para a análise estatística contemplam a renda familiar dos domicílios, nível educacional e infraestrutura, considerando equipamentos de cultura e acesso a bens culturais. Dentre as seguintes variáveis, contam: “domicílios sem esgoto”, “homicídios”, “bibliotecas públicas”, “matrículas no ensino médio”, “renda de até 1/2 salário mínimo”, dentre outras.

A partir da seleção das variáveis, o sistema cria um gráfico com a representação do mapa da cidade, destacando o espaço que as subprefeituras ocupam em relação aos eixos que o define. Diante dos dados disponíveis nas planilhas de dados, chegou-se à seguinte representação:

Figura 2 - Gráfico de representação do mapa de São Paulo a partir de dados socioeconômicos



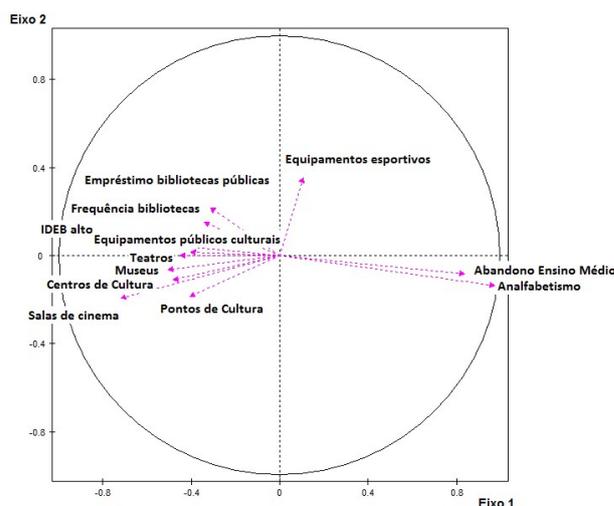
A representação permitiu verificar a distinção entre os bairros ricos e pobres na cidade. Denota-se, que a principal dimensão que define o espaço social é a condição socioeconômica, que opõe poucas subprefeituras mais ricas e escolarizadas, presente no quadro à esquerda do gráfico, separadas de toda uma concentração de pobreza e baixa escolaridade, à direita do eixo vertical, composta pelas maiorias das subprefeituras das regiões periféricas (Perosa, Lebaron, Leite, 2015).

O eixo 1 corresponde à renda e nível educacional, considerado um elemento de primeira análise sociodemográfica. O eixo 2 contempla as demais variáveis, sendo uma forma de verificar a heterogeneidade das subprefeituras, ainda que estejam próximas pela oposição do eixo 1.

Em outro gráfico é possível verificar a incidência das variáveis em relação aos eixos da primeira representação, dessa forma, além de compreender a dimensão do espaço, e a segregação na qual a cidade está estruturada, também verificamos quais elementos a compõem.

Selecionamos para este gráfico, em particular, as variáveis nas quais incidia de maneira mais direta a relação com o acesso à educação e aos equipamentos de cultura. Por meio dessa seleção, alcançamos o seguinte resultado:

Figura 3: Gráfico de representação da cidade de São Paulo a partir de variáveis de educação e cultura



Para a leitura desse gráfico é importante considerar que o tamanho da seta e, para onde ela aponta, identifica com qual eixo a variável está mais relacionada. Dessa forma, podemos mencionar, por exemplo, como se torna visível que os índices de abandono do ensino médio e de analfabetismo estão mais presentes nas regiões com os menores números em relação à renda e nível educacional do primeiro gráfico, que determinam o eixo 1, como a subprefeitura de Parelheiros, identificada primeiramente na Figura 4.

Para este gráfico, além das 18 variáveis, foram incluídas também informações sobre a quantidade de equipamentos culturais e acesso a bens culturais, como livros em bibliotecas públicas. O gráfico apresenta como os equipamentos culturais se concentram nas áreas mais ricas da cidade e se afastam das zonas periféricas.

Por meio desses recursos de representação multidimensional é possível verificar como, apesar de estarem em posições distintas entre si, os bairros aos quais pertencem os saraus do objeto de estudo da pesquisa ocupam o mesmo espaço em relação às variáveis de renda e educação. Dessa forma, se evidencia que os saraus como prática cultural compõem um movimento específico que emerge de uma população sob condições socioeconômicas semelhantes.

Análise das trajetórias dos sujeitos periféricos

Por meio de questionários aplicados durante as realizações dos saraus, entre os meses de agosto e novembro de 2015, buscou-se extrair uma mostra que representasse entre 10 a 20% do público total estimado. O questionário solicitou informações sobre idade, raça, formação escolar, profissão, escolaridade e profissão dos pais, local de nascimento do participante e dos pais, bairro onde mora, além de frequência no sarau e outros hábitos culturais.

Com base nas respostas, algumas informações se mostraram mais relevantes para a tentativa de estabelecer as características que compõem os objetivos de análise da pesquisa:

- 66% têm entre 15 a 29 anos;
- 73% nasceram em São Paulo;
- 26% têm pai e mãe nordestinos;
- 33% se declaram negros, 58% negros ou pardos;
- 57% têm ensino superior completo ou incompleto;
- 77% possuem Ensino Médio completo, considerando os que chegaram no Ensino Superior.

Trata-se de um público em sua maioria jovem, que nasceu em São Paulo, mas descende das primeiras gerações que habitaram as regiões periféricas da cidade, sendo boa parte composta por migrantes de estados do nordeste do país.

Os dados sobre cor e raça indicam que mais da metade da amostra se declara pardo ou negro, e que são esses que compõem a maioria dos moradores dos bairros periféricos, se relacionarmos com dados de renda do IBGE, por exemplo, que apontam que 76% da população mais pobre do Brasil se declara negra.

Esse aumento na escolaridade progressivo, que vem favorecendo as novas gerações, também se revela nos dados coletados ao comparar a escolaridade dos entrevistados com a escolaridade de seus pais. Enquanto o índice de nível superior dos frequentadores dos saraus é de 57%, o de suas mães é de 24% e de seus pais, 15%.

Esta característica reforçou a hipótese de que a realização dos saraus, dentre tantos outros movimentos culturais que passam a emergir nos bairros periféricos a partir dos anos 2000, se relacionam com uma mudança de *habitus* das frações de classe que compõem a população destas regiões, influenciada por uma ampliação do capital cultural destes moradores que, dentre outros processos em suas trajetórias, passam a ter acesso à universidade.

Os dados dos questionários apontam que 60% escrevem poesia, e 43% se apresentam nos saraus, declamando textos, próprios ou não. Esse número nos leva a uma interpretação de que os saraus atraem um público específico formado por pessoas que se interessam por literatura, não apenas como consumo cultural, mas também como produtores.

No estudo de campo foram realizadas oito entrevistas com escritores/poetas atuantes nos saraus selecionados, e que se destacam dentro da realização destes, sendo que, em cada um dos quatro saraus, foram escolhidos um homem e uma mulher para representar o grupo que compõem.

Tabela 02: Origem Social Dos Poetas Dos Saraus

Escritor	Sarau	Idade	Nascimento	Nascimento pai	Nascimento mãe	Bairro	Profissão pai	Profissão mãe
Michel Yakini	Elo da Corrente	5	São Paulo	São Paulo	São Paulo	Pirituba	Coletor de material reciclável	Aposentada (cozinheira em escola)
Raquel Almeida	Elo da Corrente	8	São Paulo	Bahia	Bahia	Pirituba	Caminhoneiro	Cozinheira em escola
Robson de Oliveira Padial	Sarau do Binho	1	São Paulo (Taboão da Serra)	São Paulo (São José do Rio Preto)	São Paulo (Tambaú)	Campo Limpo	Comerciante	Auxiliar de enfermagem
Tula Pilar Ferreira	Sarau do Binho	5	Minas Gerais	desconhecido (Minas Gerais)	Minas gerais	Campo Limpo	Desconhecido	Doméstica
Mauricio Francisco dos Santos (Mano Ril)	Sobrenome Liberdade	0	São Paulo	Bahia	Bahia	Embu Guaçu (RMSP)	Pedreiro	Doméstica
Michele Santos	Sobrenome Liberdade	5	São Paulo	São Paulo	Alagoas	Grajaú	Metalúrgico e Pequeno comerciante	Doméstica Dona de casa
Rafael Carnevalli	Sarau do MAP	6	São Paulo	Itália	Bahia	São Miguel Paulista	Pequeno comerciante	Pequeno comerciante
Mariana Felix	Sarau do MAP	0	São Paulo	São Paulo (Campinas)	Paraíba	Ermelino Matarazzo	Eletricista (padrasto)	Pedagoga

Tabela 03: Escolaridade dos Poetas dos Saraus

Escritor	Escolaridade	Formação superior	Universidade	Escolaridade pai	Escolaridade mãe	Espaços de “educação não formal”
Michel Yakini	superior incompleto (interrompeu)	Ciências Sociais, Letras	UFPR, USP	fundamental incompleto	ensino médio completo (supletivo)	futebol em centro esportivo público, hip hop, rádio comunitária
Raquel Almeida	superior incompleto (interrompeu)	Música	Uniesp	fundamental incompleto	fundamental incompleto	igreja evangélica, hip hop, rádio comunitária
Robson de Oliveira Padial	ensino médio completo	-	-	ensino médio completo	ensino superior completo	biodança, viagem para o exterior, homeopatia
Tula Pilar Ferreira	ensino médio completo (supletivo)	-	-	desconhecido	não escolarizada	sarau, cultura africana
Maurício Francisco dos Santos (Mano Ril)	superior incompleto (interrompeu)	Engenharia	Uninove	não escolarizado	fundamental incompleto	hip hop
Michele Santos	superior completo	Letras	Uniban	ensino médio completo	fundamental incompleto	igreja evangélica, cultura rock
Rafael Carnevalli	superior incompleto (cursando)	Letras	Unicsul	fundamental completo	fundamental completo	amigos artistas
Mariana Felix	superior incompleto (interrompeu)	Letras	Unicsul	ensino médio completo	superior completo (pós-graduação)	teatro, futebol

É interessante notar, ao comparar a escolaridade dos poetas com a de seus pais, como ela indica uma possível ampliação de oportunidades propiciadas para os mais jovens. Todos conseguiram completar a educação básica, o que não era tão natural em décadas anteriores.

Alguns dos escritores entrevistados também revelaram em entrevista que conseguiram bolsas e outras formas de contribuição para a permanência estudantil, como Raquel Almeida e Rafael Carnevalli, mas a maioria ingressou por meio de pagamentos de mensalidade em universidades próximas às suas residências.

O índice de abandono do ensino superior se mostra um indicativo relevante, na medida em que pode sugerir alguns aspectos recorrentes nas trajetórias dos escritores, desde a inadaptação ao modelo e estrutura universitários até mesmo ao reconhecimento de que a formação não é algo fundamental em sua prática profissional e literária atual.

Vale notar o fato de quatro poetas dentre oito buscarem uma formação superior em Letras, o que denota que se trata de um grupo qualificado e com repertório para atuação na área literária. O interesse pode estar relacionado com um desejo por uma profissionalização desta prática.

Também é importante destacar que, para além do acesso ao ensino superior não concluído pela maioria dos entrevistados, outros processos e contatos que definimos como “educação não formal” são fundamentais para compreender as práticas e a atuação deles no movimento cultural periférico, dentre eles, por exemplo, a cultura hip-hop, que influenciou muitos dos escritores.

Considerando que uma das hipóteses da pesquisa era verificar a relação entre o acesso ao ensino superior e a atuação dos sujeitos que se apresentam como poetas e escritores nos saraus, e que são reconhecidos como tal no grupo, podemos concluir que de modo geral, mesmo não tendo efetivamente conseguido cursar, concluir ou dar prioridade à formação universitária, os escritores atribuem um valor significativo para sua realização, fortemente relacionado à formação intelectual e que também influencia na prática artística.

Tabela 04: TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS ESCRITORES DOS SARAUS

Escritor	Profissões que já exerceu	Atual ocupação	Livros	Forma de publicação	Fonte de renda
Michel Yakini	vendedor, técnico de telefonia, operador de telemarketing	produtor cultural, escritor, editor	2	independente (selo editorial Elo da Corrente)	editais, oficinas, palestras, livros
Raquel Almeida	doméstica (ajudava a mãe), garçoneiro,	produtora cultural, escritora	2 (1 em co-autoria)	editais; independente (selo editorial Elo da Corrente)	editais, oficinas, palestras, livros
Robson Padial	marceneiro, vendedor, dono de bar	produtor cultural, homeopata	3 (1 em co-autoria e 1 coletânea)	independente e editais	sarau, homeopatia
Tula Pilar Ferreira	doméstica, babá, catadora de recicláveis, vendedora	vendedora de Revista Ocas, atriz, música	1 mais participação em 2 coletâneas	independente e por editais	venda de revistas e participação em eventos
Maurício dos Santos (Mano Ril)	auxiliar administrativo, inspetor de saneamento, encarregado de obra	comerciante, escritor	1	independente	comércio no bairro, sarau, oficinas, participação em eventos
Michele Santos	auxiliar administrativo, comércio (ajudava a família)	professora da rede pública	1	independente	salário, livros, participação em eventos
Rafael Carnevalli	consultor técnico de veículos	Educador	1	independente	salário, livros, participação em eventos
Mariana Felix	operadora de telemarketing	auxiliar escolar da rede pública	1 livro e 1 fanzine	independente	salário, livros, participação em eventos

De modo geral, é possível afirmar que se trata de um grupo adulto, que empreende a atividade literária como uma prática profissional e não consideram a si mesmos como autores amadores. Tampouco exercitam apenas por lazer e distração, mais do que isso, sua fonte de renda deriva de atividades relacionadas ao sarau e à escrita.

Em relação aos livros, o quadro expõe que todos os escritores têm ao menos um livro publicado. Todos já possuem publicações autorais, além de participação em coletâneas e antologias como co-autores. Nenhum deles, entretanto, publicou por meio de uma grande editora, o que já nos mostra como eles ainda não fazem parte do campo literário legitimado pelo mercado.

Mais uma vez verificamos que as editoras maiores e mais reconhecidas não fazem parte do universo do campo literário das periferias, que se desenvolve de forma particular e autônoma.

Conclusões

No início da pesquisa, partimos de uma suposição de que os escritores e poetas dos saraus das periferias se relacionavam de forma amadora com a prática literária, realizada em momentos de lazer. Ao longo do estudo de campo, no entanto, o que se verificou é que, de alguma forma, a literatura e as manifestações artísticas são vistas de forma considerada profissional pelos sujeitos que compõem esse grupo.

As entrevistas também revelam que, mesmo aqueles que possuem outras fontes de renda, gostariam de se dedicar apenas à produção literária, o que demonstra que os escritores dos saraus compõem um grupo que busca cada vez mais a profissionalização e autonomia do campo.

Ao analisar as trajetórias dos poetas dos saraus, verifica-se que os escritores conseguem manter uma estabilidade financeira razoável a partir de suas iniciativas culturais. Considerando que apenas o aumento da renda populacional não garantiria a produção literária em si mesma, a ampliação da escolaridade, com destaque para o acesso ao Ensino Superior, favoreceria em certa medida o contato das pessoas com novas formas de conhecimento, leituras e fundamentações teóricas, ou seja, a um acúmulo de capital cultural, que estimularia nesses novos atores sociais disposições para a criação artística.

É a partir do capital cultural que os indivíduos estabelecem relações entre si e se colocam diante dos demais nos diferentes campos sociais. As condições que viabilizam a constituição do capital cultural são, dessa forma, estruturantes e influenciam as relações de dominação entre as classes, que se dá por meio de condições objetivas e subjetivas.

Os moradores de periferia, antes marginalizados dos campos dos saberes, se apropriam de conhecimentos variados, adquiridos por diferentes processos -incluindo os educacionais-, para reconstruírem narrativas acerca de si mesmos e de suas ideias. Estas, sobretudo, partindo de uma valorização da “cultura comum” (Williams, 1958), não apenas da cultura legítima.

Dessa forma, a cultura periférica e, dentro dela a literatura, é essencialmente uma prática de oposição aos sistemas vigentes, que institucionalizam determinadas manifestações artísticas, em detrimento de outras. Em certa medida, isso justifica a forma como os escritores entrevistados se relacionam com o mercado editorial, rejeitando-o a princípio e reconhecendo nele estruturas que inviabilizam suas criações.

Entretanto, o estudo de campo e as entrevistas também demonstraram que o modelo tradicional de produção e divulgação da literatura, sobretudo a partir da publicação de livros, ainda é muito valorizado. As formas de publicação e distribuição que diferem do modo das grandes editoras, sendo a maioria dos livros publicados de forma independente e distribuídos para venda pelo próprio escritor durante a realização dos saraus.

Ainda que associada às manifestações dos saraus, encontros onde a oralidade, a música, a poesia, se tornam centrais, a produção literária dos moradores de periferia se encontra em um nível de desenvolvimento cada vez mais associado à profissionalização e institucionalização. As entrevistas apresentam o quanto às trajetórias dos escritores e o desejo pessoal deles estão ligados a uma autonomização em relação ao mundo do trabalho tradicional, e também uma convicção na prática literária que estão realizando.

Ao contrário da hipótese inicial desse projeto, os escritores de periferia não tratam a produção literária como uma atividade extra, como uma espécie de hobby e lazer que tenha que ser realizado no tempo livre em que não estão trabalhando, dentro das categorias de postos profissionais destinadas às classes populares. Ainda que esse fenômeno possa também ser possível e recorrente dentro da diversidade de pessoas e trajetórias que se

encontram durante os saraus, as entrevistas apontam para um processo de profissionalização e formação de uma carreira literária particular dos sujeitos.

Entretanto, ainda que os poetas, em especial os selecionados no trabalho de campo, atualmente consigam se manter financeiramente das atividades literárias que promovem e participam, percebe-se que nem sempre a forma de aquisição de um bem ou retorno financeiro é, necessariamente, consequência do reconhecimento de seus produtos literários específicos, sendo necessárias também ações de atuação enquanto mobilizadores culturais, apresentadores, músicos, na relação que os saraus mantêm enquanto práticas de lazer e entretenimento.

Não se pode dizer que os saraus pertencem apenas a uma categoria de cultura popular no sentido de ser ingênua e pueril, uma vez que seus organizadores e poetas se profissionalizam e conhecem os códigos de linguagem tanto quanto os escritores das classes mais altas. A diferença é que eles não são reconhecidos pelas instâncias de consagração do campo literário convencional.

O que se conclui da análise das trajetórias dos poetas e escritores que participam dos saraus selecionados no estudo de campo, é que todos desenvolvem suas práticas literárias de forma assertiva e profissional, não de forma amadora, e muitos deles dependem dessas ações como uma de suas fontes de renda, considerando esta uma característica do ofício de maneira geral:

A “profissão” de escritor ou de artista é, com efeito, uma das menos codificadas que existem; uma das menos capazes também de definir (e de alimentar) completamente aqueles que dela se valem e que, com muita frequência, só podem assumir a função que consideram como principal com a condição de ter uma profissão secundária da qual tiram seu rendimento principal (Bourdieu, 2002, p. 257).

Ainda que os escritores, principalmente os que valorizam mais a publicação de livros autorais, se apresentem como artistas singulares no campo, a valorização da produção artística coletiva, e o sentimento de pertencimento e de identidade revelam características norteadoras das práticas dos saraus das periferias de São Paulo, que também se fazem presentes nas linguagens e estéticas produzidas por seus participantes.

A intenção da pesquisa não foi rebaixar a literatura periférica ao nível apenas de fenômeno a ser analisado socialmente, sem descaracterizar sua relevância estética, mas procurou-se compreender quais são os fatores que influenciam em suas características específicas. Tal como Antônio Cândido (2011) e tantos outros críticos literários consideram, as relações entre literatura e sociedade são processos contínuos de trocas de influências.

A cultura letrada de forma geral é uma só, apesar de todas as suas possíveis e variadas manifestações. No Brasil, os negros, os marginalizados e periféricos antes não se posicionavam a partir dela. A inclusão desses sujeitos aumenta o repertório e a diversidade de nossa produção literária, garantindo uma maior representatividade, para que nossa literatura brasileira contemple e apresente de fato a diversidade e a pluralidade do nosso país.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *A distinção: Crítica Social do julgamento*. São Paulo: Edusp, Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade – Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

- D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro Hip-Hop: a performance poética do ator-mc*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- D'ANDREA, Tiaraju Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado (Sociologia). Universidade de São Paulo: 2013.
- FERRÉZ. *Manifesto de abertura*. In: Literatura Marginal (org). Caros Amigos Especial. Literatura Marginal: a cultura da periferia. Ato I. São Paulo, agosto de 2001.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *O campo literário afro-brasileiro e a recepção de Carolina Maria de Jesus*. Revista Estação Literária - UEL. Londrina: Vagão-volume 8 parte A, p. 15-24, dez. 2011.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Literatura Marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado (Antropologia). Universidade de São Paulo: 2006.
- _____. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. Tese de Doutorado (Antropologia). Universidade de São Paulo: 2011.
- PEROSA, Graziela Serroni et al. *O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo*. São Paulo: Pro-Posições. vol.26, n.2, pp.99-118, 2015.
- SALOM, Julio Souto. *Combater a subcidadania disputando o jogo literário: uma contribuição ao estudo da Literatura Marginal Periférica*. Dissertação de mestrado (Literatura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 2014.
- VAZ, Sérgio. Cooperifa: *Antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.
- WILLIAMS, Raymond. *A cultura é de todos (Culture is Ordinary)*. Maria Elisa Cevasco (trad.). São Paulo: Departamento de Letras, USP, 1958.